

O GLOBO | EXTRA | Sábado 21.6.2025

ESPECIAL SURFE

ADRENALINA EM CASA

Em Saquarema, brasileiros buscam manter hegemonia no masculino e sonham com façanha no feminino

De hoje até o dia 29, a Praia de Itaúna se torna a capital mundial do surfe, com a disputa da etapa de Saquarema do Championship Tour, a divisão de elite da WSL. Oito homens tentam dar continuidade ao domínio da Brazilian Storm no país, enquanto Luana Silva e Tatiana Weston-Webb miram o título inédito. Para competir em alto nível, eles investem na preparação física e mental, experimentam as dores e as delícias de uma vida nômade e já planejam o futuro.



ARTE DE ANDRÉ MELLO SOBRE FOTOS DE DIVULGAÇÃO

PELA HEGEMONIA DA BRAZILIAN STORM

Em Saquarema, Yago Dora, Filipe Toledo e Italo Ferreira buscam sétimo título seguido de surfista da casa na etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe. No feminino, Tati Weston-Webb volta após pausa e se junta a Luana Silva

LUCAS RIBEIRO
lucas.ribeiro.rpa@edglobo.com.br

Etapa brasileira da elite da WSL (Liga Mundial de Surfe), o Rio Pro promete mais um ano de emoções dentro d’água e de recorde de público nas areias da Praia de Itaúna, em Saquarema (RJ). Com a janela do evento prevista de hoje a 29 de junho, alguns dos principais representantes da Brazilian Storm (Tempestade Brasileira, em referência à profusão de talentos da geração mais vitoriosa da modalidade) buscam defender um cinturão pesado de seis títulos consecutivos em solo nacional no masculino, diante dos melhores surfistas estrangeiros, e uma conquista inédita no feminino.

Vice-líder do ranking após levantar o troféu de Trestles, Califórnia-EUA, Yago Dora chega como um dos favoritos. Ele tem uma relação especial com Saquarema. O catarinense de 29 anos pegou as primeiras ondas no circuito mundial quando recebeu uma vaga de convidado na etapa brasileira, em 2017. Mesmo sem experiência no mundo da competição, roubou a cena com uma campanha histórica de terceiro lugar. Além de ter chamado a atenção pelo tamanho do resultado para um “intruso”, o então jovem surfista eliminou adversários de peso, como os campeões mundiais Gabriel Medina e Mick Fanning (AUS). Na semifinal, foi superado pelo compatriota Adriano de Souza, que venceria o campeonato.

Em meio a altos e baixos durante o início da trajetória profissional, Yago acumulou aprendizados no currículo, principalmente em derrotas precoces, para conseguir mostrar por que sempre foi tratado como um dos surfistas mais habilidosos do planeta. Afinal, não havia melhor lugar para decretar a virada de chave na carreira. Depois de bater na trave em alguns campeonatos, o brasileiro conquistou finalmente seu primeiro título no Championship Tour (CT) justamente em Saquarema, em 2023. Totalmente encaixado nas valas de esquerda e direita do Point de Itaúna, ele esbanjou o seu vasto repertório técnico, com direito a um superalô que rendeu uma nota 10 na final contra o australiano Ethan Ewing.

SONHO DO FINALS

Desde então, Yago passou a frequentar o pelotão de frente do circuito mundial, tanto que terminou as temporadas de 2023 e 2024 em sexto lugar. No ano passado, ficou perto do bicampeonato consecutivo em Saquarema, mas perdeu a decisão para Italo Ferreira. Com duas vitórias (Portugal e Trestles) este ano e na cola do sul-africano Jordy Smith, líder do ranking, tudo indica que ele disputará pela primeira vez o título mundial no Finals —etapa que decide o campeão com os cinco melhores da temporada regular—, em Fiji, nas esquerdas de Cloudbreak.



Olho nele. Campeão da etapa de Saquarema em 2023 e atual vice-líder do ranking mundial, brasileiro Yago Dora chega em alta após título em Trestles-EUA

SAQUAREMA SEDIA 9ª ETAPA DO CIRCUITO MUNDIAL DE SURFE 2025



FÓRMULA

MASCULINO

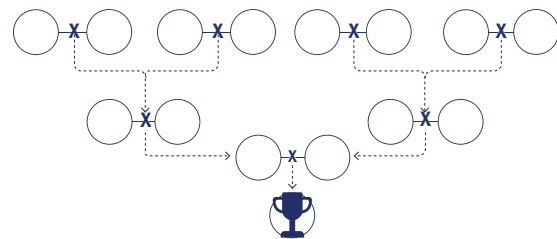
ROUND 1
24 surfistas divididos em 8 baterias de três competidores. **Os oito primeiros avançam**

REPESCAGEM
16 surfistas divididos em 8 baterias de três competidores. **Os vencedores avançam**

OITAVAS
Vencedor do **round 1** contra vencedor da **repescagem**

CHAVEAMENTO MASCULINO

QUARTAS, SEMI-FINAL E FINAL



FEMININO

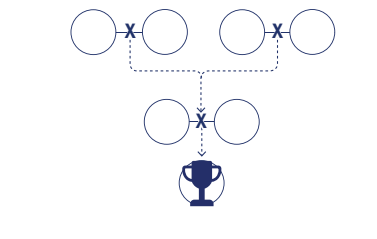
ROUND 1
12 surfistas divididas em 4 baterias de 3 competidoras. **As vencedoras avançam**

REPESCAGEM
8 surfistas divididas em 4 baterias de 2 competidoras. **As vencedoras avançam**

QUARTAS
Vencedora do **round 1** x vencedora da **repescagem**

CHAVEAMENTO FEMININO

SEMI-FINAL E FINAL



Outro brasileiro que tem uma conexão diferente com o mar de Itaúna é o bicampeão mundial Filipe Toledo, considerado Rei de Saquarema por já ter ganhado lá três vezes (2018, 2019 e 2022). Afastado da temporada passada para cuidar da saúde mental e ficar mais tempo com a família, o morador de

São Clemente, na Califórnia-EUA, volta à etapa brasileira como um dos favoritos, mas fora do top 5, o que é um cenário raro nos últimos anos. Em oitavo no ranking, ele tem apresentações irregulares até aqui, tanto que só passou das quartas de final em Burleigh Heads, Austrália, onde venceu a etapa da

Gold Coast. Precisando de resultado para garantir uma das cinco vagas no Finals, Toledo busca entrar em sintonia perfeita com a natureza do Maracanã do Surfe pela quarta vez na carreira. —É muito gratificante ver de perto o carinho da galera que me acompanha desde o começo e também dos que

estão entrando no mundo do surfe. Saquarema é especial porque nós (brasileiros) surfamos com o coração cheio —diz o bicampeão.

DE OLHO NO BI

Quem também sabe como poucos tirar proveito da vibração e do amor da torcida brasileira é Italo Ferreira,

que levantou o troféu do Rio Pro pela primeira vez em 2024 e tenta repetir o feito neste ano. Com um início avassalador, o medalhista olímpico de ouro e campeão mundial chegou a vestir a lycra amarela como líder do ranking na primeira metade da temporada, mas caiu para a quarta colocação depois de eliminações precoces nas últimas quatro etapas (Bells Beach-AUS, Gold Coast-AUS, Margaret River-AUS e Trestles-EUA).

A espera do primeiro filho, Martin, com a mulher Sofia Larocca, Italo tem a oportunidade de espantar a má fase em Itaúna e, de quebra, dar mais um passo rumo ao Finals, em Fiji, onde seu surfe se encaixa na esquerda tubular de Cloudbreak. Conhecido pela energia que deposita dentro d’água, ele costuma crescer nos momentos de pressão ou com a torcida a seu favor. A ver se Saquarema reservará mais um momento especial ao potiguar.

Apesar de nunca ter passado da nona colocação em três participações na etapa brasileira, João Chianca, o Chumbinho, conhece os mínimos detalhes da bancada de areia de Itaúna. Em 17º no ranking, o local de Saquarema quase caiu no corte do meio da temporada e sequer avançou às quartas de final em 2025. Em busca da volta por cima, ele não esconde o desejo de conquistar o título de frente para a família, os amigos e os fãs:

— Competir em casa é a meca. É onde sentimos o carinho focado na gente de uma maneira muito grande e especial. Nos sentimos campeões, independentemente de sermos ou não. É a etapa que eu mais quero ganhar no circuito.

Menos badalados, Miguel Pupo (11º) e Alejo Muniz (22º) podem “comer pelas beiradas” ao terem menos expectativa por resultado do público brasileiro. Perto do top 10, o cria de Maresias faz uma das melhores temporadas da carreira, com quatro quartas de final. Além deles, participam Gabriel Klaussner, como wildcard, e Peterson Crisanto, como convidado.

TATIANA VOLTA FAVORITA

No feminino, o Brasil terá duas representantes: Luana Silva, de 21 anos, que ocupa a 10ª posição no ranking e chegou às quartas no ano passado, quando perdeu para a campeã Caitlin Simmers (EUA), atual vice-líder —quem ocupa a primeira posição é a havaiana Gabriela Bryan, com duas vitórias na temporada; e Tatiana Weston-Webb, que recebeu uma vaga de convidada para competir em Saquarema após anunciar, em março, a desistência da temporada para cuidar da saúde mental. Entre as favoritas para levar a etapa brasileira, a medalhista olímpica de prata já fez três semifinais em Itaúna (2018, 2022 e 2024).

— Estou animada para surfar em Saquarema. Agora é acreditar no meu surfe. Ano passado me senti confortável e espero repetir o resultado —projeta Luana.

RANKING

MASCULINO

1º		Jordy Smith (AFS)	39.450 PONTOS
2º		Yago Dora (BRA)	38.885
3º		Kanoa Igarashi (JPN)	36.390
4º		Ítalo Ferreira (BRA)	34.610
5º		Barron Mamiya (HAV)	31.470
6º		Ethan Ewing (AUS)	31.055
7º		Jack Robinson (AUS)	30.905
8º		Filipe Toledo (BRA)	29.355
9º		Griffin Colapinto (EUA)	27.280
10º		Leonardo Fioravanti (ITA)	27.155

FEMININO

1º		Gabriela Bryan (HAV)	45.985 PONTOS
2º		Caitlin Simmers (EUA)	45.125
3º		Molly Picklum (AUS)	43.345
4º		Bettylou S. Johnson (HAV)	37.320
5º		Isabella Nichols (AUS)	37.255
6º		Caroline Marks (EUA)	32.065
7º		Tyler Wright (AUS)	31.270
8º		Lakey Peterson (EUA)	29.490
9º		Erin Brooks (CAN)	29.490
10º		Luana Silva (BRA)	27.730

EDITORIA DE ARTE



Extensa. Estrutura montada na Praia de Itaúna, em Saquarema, para a etapa de 2024 do Circuito Mundial de Surfe

LUCAS GUIMARÃES
lucas.santos@oglobo.com.br

Por trás da movimentação turística e da vibração no mar, existe uma engrenagem complexa e invisível que sustenta o espetáculo. A estrutura montada pela WSL na Praia de Itaúna, para a etapa de Saquarema, que se inicia hoje, é a maior do circuito mundial e começa a ser preparada com até oito meses de antecedência, incluindo as fases de projeto e orçamento. A montagem física é iniciada 45 dias antes da janela do evento, mobilizando até 300 pessoas. Este ano, o pontapé aconteceu no dia 12 de maio.

— Por ser erguida 100% sobre a areia, a arena de Saquarema exige soluções específicas. São utilizadas mais de 100 sapatas de concreto, cada uma pesando duas toneladas, para ancoragem da estrutura — explica Roberto Sivieiro, diretor de Operações da WSL.

A operação não conta com plano de backup para mudança de palanque. O point principal é a própria Praia de Itaúna, e a janela de nove dias permite escolher os melhores momentos do mar para as disputas.

Mesmo com a grandiosidade da estrutura, o evento mantém um compromisso ambiental rigoroso. Não são feitas construções fixas, apenas montagem temporária, com monitoramento ambiental constante.

— Temos equipe de limpeza com vassouras magnéticas para recolher qualquer material metálico da areia, além de mantermos distância da restinga e seguirmos

todas as normas da Secretaria Municipal — reforçou.

O sucesso da etapa depende do acolhimento da população. Para Ivan Martinho, presidente da WSL na América do Sul, a relação com a comunidade local é parte essencial da equação:

— Estamos ocupando um espaço que é dos moradores. Por isso, fazemos questão de contratar gente da cidade, movimentar o comércio e desenvolver fornecedores locais. O envolvimento da população é o que torna tudo possível.

A complexidade técnica da operação também se reflete na transmissão ao vivo. Pedro Marques, ex-operador de câmera da WSL, relembra os bastidores de quem está por trás das lentes.

— O maior desafio é lidar com o clima. Sol, vento e, principalmente, a chuva exigem improvisos com barracas, capas e atenção redobrada aos equipamentos. Mas o mais importante é não perder nada: toda onda, mesmo a que parece ruim, pode virar um 10. Eu enca-

rava todas como se fossem decisivas — conta.

Pedro se posicionava cedo na areia, antes da chegada do público, para garantir o espaço ideal de filmagem com a câmera teleobjetiva. Mesmo com um ponto fixo, mantinha-se atento:

— Além de surfe, eu captava cenas que davam outra atmosfera ao vídeo: um pôr do sol, um avião cruzando o céu, uma criança jogando altinha. A responsabilidade era grande, porque minhas imagens tinham um olhar dife-

rente. E esse detalhe faz muita diferença na edição final.

O maior desafio físico, segundo a WSL, continua sendo a própria areia de Itaúna, fina e fofa, o que torna o trabalho exaustivo. Para isso, há um acompanhamento de um técnico de segurança do trabalho, que orienta a equipe sobre hidratação, uso de protetor solar, EPI e pausas obrigatórias.

VIADÃO DUPLA
O impacto do evento não se encerra com o último drop

ou com a desmontagem da arena. A passagem da WSL por Saquarema deixa um legado ambiental, com ações de sustentabilidade que vão além do discurso. Lonas da estrutura viram bancos de praça, lixeiras, quilhas de prancha e até abrigos de ônibus, todos doados à cidade.

— A realização da etapa desde 2017 abriu novamente as portas da cidade para o Brasil e o mundo, impulsionando o turismo, atraindo investimentos e colocando o município no mapa dos grandes eventos internacionais. Foi possível criar um calendário turístico consistente, com atividades de janeiro a janeiro, que geram fluxo de visitantes e impactam positivamente a economia local, com a geração de emprego e renda, especialmente nos setores de hotelaria, alimentação, comércio e serviços — diz Lucimar Vidal, prefeita da cidade.

Em 2023, 99% dos resíduos gerados foram reciclados, com apenas 1% classificado como rejeito. Há também neutralização de carbono e rigor no controle de plásticos descartáveis — nenhum é permitido na arena.

— Há um legado social e ambiental importante, com ações de inclusão esportiva para jovens da comunidade, educação ambiental em parceria com escolas e ONGs, e a adoção de práticas sustentáveis, como plantio de mudas e reutilização de materiais. Saquarema se tornou um modelo de integração entre esporte, meio ambiente e desenvolvimento — afirma Lucimar.

SAQUAREMA TEM MAIOR ESTRUTURA DO CIRCUITO

Evento na Praia de Itaúna movimenta 300 pessoas para montagem, que se inicia 45 dias antes da janela de disputa e deixa legado para a região



UM ‘NATAL FORA DE ÉPOCA’ PARA A CIDADE

Comerciantes, trabalhadores e moradores relatam como etapa da WSL impulsiona turismo, gera emprego e movimenta dia a dia

Se no calendário a estação é o inverno, em Saquarema o clima é de verão. A chegada da etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe, o Vivo Rio Pro, transforma a cidade em um polo de turismo, entretenimento e negócios. A expectativa para a edição de 2024 se confirmou: foram mais de R\$ 159 milhões movimentados, mais de 350 mil visitantes, geração de 1.700 empregos diretos e indiretos e um impacto estimado de R\$ 114 milhões no PIB local.

A movimentação não passa

despercebida por quem vive e trabalha na cidade. A moradora Natália Gonçalves, doula do Coletivo Baleia, define o período como um sopro de energia:

— Nessa época do ano, a nossa rotina ganha uma alegria especial, um clima de festa. O dia a dia fica superanimado. Saquarema ganha visibilidade e reconhecimento, e traz uma onda de otimismo.

POUSADAS CHEIAS
Com o circuito, a economia local se aquece em todos os setores. Ana Clara Gonguet,

dona da Pousada Catavento, conta que a taxa de ocupação chega perto dos 100%:

— Sempre que temos o Mundial de Surfe, a nossa expectativa é de lotação. Já estamos acostumados: basta renovar o estoque de limpeza e caprichar no café da manhã. É um alívio saber que o calendário de eventos mantém a cidade viva.

O mesmo se repete no comércio. Mariana Rodrigues Monteiro, proprietária da loja Amar Acessórios, compara a data com o principal feriado comercial do ano:

— O Mundial de Surfe é nosso Natal fora de época. Em dez dias, vendemos o equivalente a um mês inteiro. A preparação começa com antecedência. O mais interessante é que, depois da etapa, a cidade continua pulsando com outros eventos esportivos.

No setor de alimentação, o impacto é imediato. Para Gustavo Rodrigues, chef de restaurante Peixe do Gustavo, o movimento é comparável ao do verão:

— A etapa transforma Saquarema numa alta tempo-

rada no meio do inverno. Triplicamos o movimento, contratamos mais gente, e o comércio respira. O melhor é que esse impulso se estende. A cidade deixou de viver apenas da alta temporada.

Para quem vive do transporte, os dias de campeonato também representam oportunidade. Carlos Antonio Penetra, de 26 anos, trabalha como motorista de aplicativo e celebra o aumento nas corridas:

— A WSL traz uma movimentação enorme para a ci-

dade, enche de turistas, o comércio bomba, tem gente nova para todo lado... Dá uma animada geral. Como motorista de app, é uma das melhores épocas do ano. Tem muito mais corrida, tudo fica mais dinâmico. Claro que o trânsito complica, principalmente na Praia de Itaúna e na Vila, mas damos um jeito.

Mas a movimentação também exige reforço nos serviços essenciais. O salvavidas Vitor Drummond destaca o aumento da responsabilidade no trabalho:

— Nessa época, a atenção tem que ser dobrada. A praia lota com turistas do mundo todo, muitos não conhecem o pico. A carga horária aumenta, o descanso diminui, e o foco tem que ser total.

ENTREVISTA

Italo Ferreira / SURFISTA

Vencedor em Saquarema no ano passado, potiguar analisa retorno à etapa brasileira e revela sensações às vésperas da paternidade

LUCAS GUIMARÃES lucas.santos@oglobo.com.br

‘TIVE UM UPGRADE NAS PISCINAS DE ONDA’

Mais sereno e maduro, Italo Ferreira se prepara para voltar a Saquarema, palco em que brilhou em 2024, quando venceu o compatriota Yago Dora na final com uma performance irretocável. Atual quarto colocado no ranking mundial, o potiguar chega embalado por boas lembranças e pela chance real de conquistar o bicampeonato no Brasil —um impulso importante na reta final da temporada, de olho no WSL Finals.

Campeão do mundo em 2019 e dono da medalha de ouro olímpica em Tóquio, em 2021, Italo vive um momento de transição dentro e fora da água. Mais técnico e estratégico nas baterias, ele também se prepara para assumir um novo papel longe do mar: o de pai. Em entrevista exclusiva na última semana, o surfista refletiu sobre sua relação com a etapa de Saquarema, a evolução proporcionada pelos treinos em piscinas de ondas e a vitória mais dolorida desta temporada.

Em 2024, você venceu em Saquarema com uma atuação dominante, superando Yago Dora na final. Que peso aquela conquista diante da torcida

brasileira teve para você?

Aquele evento do ano passado realmente foi algo muito especial para mim, porque era uma competição que eu gostaria muito de vencer. Especialmente por ser no Brasil, eu precisava dar aquele “check” na minha lista de vitórias pelo mundo. Hoje, volto para o mesmo lugar numa posição um pouco mais confortável se comparada à do ano passado, quando estava em 17º. Agora eu estou dentro do top 5 (em quarto lugar, veja o ranking na página 2), com grandes chances de me manter no topo para o Finals. Então, acho que tenho apenas que relembrar as boas memórias do ano passado e surfar. Performar é o que eu mais gosto de fazer.

Saquarema se consolidou como uma das etapas mais emblemáticas do tour. O que ela representa para você?

Saquarema se tornou um exemplo de evento para o resto do planeta. As outras etapas copiam algumas coisas dessa competição. É muito legal ver que todos os patrocinadores aqui no Brasil se entregam 100%: atavam suas marcas, interagiam com o público... Mesmo



Boas recordações. Italo Ferreira foi campeão da etapa de Saquarema pela primeira vez na carreira em 2024

sem campeonato, a praia está lotada de gente para aproveitar todo o ambiente e a atmosfera da competição.

A vitória no ano passado mostrou uma versão sua muito madura, até mais estratégica. A que atribui?

Meu surfe teve um upgrade nas piscinas de onda. Especialmente na piscina de

onda de São Paulo, da Boa Vista, onde venho treinando muito nos últimos anos. Porque, quando sai da piscina, do ambiente controlado, e passa para o oceano, com correnteza, vento e tamanhos de ondas diferentes, você tem que ajustar o teu surfe. Mas os movimentos e o que você faz na piscina são exatamente o que vo-

cê pode fazer fora dela. Então, a piscina realmente me deu muita confiança para surfar para ambos os lados, e eu venci a etapa da piscina este ano, que era a etapa que eu mais queria vencer (em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, em fevereiro).

Na semana passada, em Trestles, na Califórnia, você

surfou bem, até mandou um aéreo Superman, mas não conseguiu avançar às fases finais e ficou em nono lugar. O que faltou nessa etapa?

A régua para alguns atletas é diferente da régua do resto do circuito. Quando você torna algo muito fácil para os olhos de quem está julgando, acaba caindo num padrão e numa linha em que só você e os sufistas sabem o grau de dificuldade das manobras. Aquela bateria foi a que mais me doeu no ano (derrota por 16.87 a 16.20 para o australiano Joel Vaughan). Não deu para digerir. Mas isso não é de hoje. Tive que manter a paciência e a calma para que pudesse programar minha mente para o próximo desafio.

Você se prepara para ser pai. Como está vivendo a nova fase? E como ela impacta na rotina como surfista?

É um momento único, sem dúvida. É algo muito especial para mim. Me tornar pai é um novo desafio, uma nova fase, um novo capítulo... É claro que, quando você inicia a vida, tem grandes metas e grandes objetivos, e as coisas vão se ajustando. Agora, esse é meu maior combustível para o próximo capítulo da minha vida.

O menino que vem por aí vai seguir os passos do pai?

Ele vai ser o que ele quiser. É claro que eu gostaria que ele seguisse no esporte, em qualquer esporte, porque o esporte realmente te transforma, te faz ser melhor. Na disciplina, no respeito, na dedicação, na concentração, no foco e na fé... Qualquer esporte te exige isso para que você seja bom. Em alguma modalidade essa criança vai estar inserida.

Se fosse escrever o próximo capítulo da sua carreira, como ele começaria?

Com mais um título, com mais uma medalha de ouro para que realmente essa criança se orgulhe do pai.

FILIPPE TOLEDO MIRA QUARTO TÍTULO EM SAQUAREMA

Campeão em casa em 2018, 2019 e 2022, surfista celebra retorno ao Brasil, destaca amadurecimento e conta como fica à vontade nas ondas de Itaúna

LUCAS GUIMARÃES lucas.santos@oglobo.com.br

Nenhum roteirista escreveria uma história de tamanha conexão como a de Filipe Toledo com as ondas de Saquarema. Em 2025, o bicampeão mundial busca o quinto título em uma etapa nacional, o quarto na cidade da Região dos Lagos.

A primeira conquista no Brasil veio em 2015, quando a competição ainda era disputada na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. Em 2018, 2019 e 2022, já em Saquarema, Filipe adicionou mais três troféus à coleção.

Ondas curtas, potentes e ideais para rasgadas, batidas e aéreos: essa parece a descrição perfeita do mar para quem conhece o brasileiro. Há quem acredite que o mar de Saquarema foi “criado” para Filipe, ou que ele nasceu por lá. O competidor de Ubatuba, em São Paulo, confirma que se sen-

te em casa na pequena cidade de 90 mil habitantes da Região dos Lagos.

— Saquarema tem uma energia diferente. É o Brasil, né? Surfar em casa, com a torcida sempre é bom. Eu me sinto muito confortável ali, tanto dentro quanto fora d’água. Já vivi momentos incríveis nesta etapa — diz.

Dominante em 2018, 2019 e 2022 (em 2020 e 2021 não houve disputa em razão da pandemia de Covid-19), Filipe Toledo costuma tirar “coelhos da cartola” para vencer baterias apertadas. Na última vez que saiu como campeão, abusou das manobras no ar e, de brinde, tirou uma nota 10 que fez a torcida vibrar como se estivesse no Maracanã:

— Tenho uma boa conexão com o lugar e as ondas, que são fortes, com uma boa área para manobras e, dependendo das condições, dá para aplicar diferentes tipos de manobras. Eu me sinto à



Dominante. Filipe Toledo, em 2022, celebrando o terceiro título consecutivo na etapa brasileira

vontade para surfar e me arriscar mesmo. O principal é estar bem atento ao momento do mar e às condições na hora da bateria.

CONEXÃO COM O PÚBLICO

A conexão com a torcida é um dos pilares de Filipe em Saquarema. Rodeado de amigos, familiares e rostos conhecidos, ele vê a etapa como uma oportunidade de

se recarregar antes da reta final da temporada — quando a meta é alcançar o Top 5 e disputar as finais da WSL.

— Quando estou no Brasil, com a torcida empurrando, é outro combustível. Pode ter certeza que vão ter a minha melhor versão dentro d’água — garantiu, ao lembrar de sua conexão com o pico.

O ano de 2025 marca o retorno do único bicampeão

brasileiro de forma consecutiva após uma pausa sabática para cuidar da saúde mental. Com uma vitória em Gold Coast, na Austrália, repetindo o feito de dez anos atrás, ele se vê como mais “maduro e tranquilo” e celebra ter vencido sua “batalha silenciosa”, como na época descreveu o período delicado:

— O público pode esperar um Filipe feliz e focado.

APOSENTADORIA REPRESENTA DESAFIO

Sem vínculo convencional, surfistas buscam novos caminhos após deixarem competições. Futuro depende das particularidades de cada atleta, mas já há maior conscientização em relação às últimas gerações

LUCAS GUIMARÃES
lucas.santos@oglobo.com.br

Desbravadores das melhores ondas, especialistas em manobras e ídolos geracionais: essa é a realidade dos surfistas enquanto estão competindo. Mas, quando o circuito desacelera, a idade chega e a versatilidade não é mais a mesma. É preciso saber para onde ir. E, num esporte em que jovens são projetados antes dos 20 anos, planejar a aposentadoria é um desafio.

Aos 36 anos, Adriano de Souza, o Mineirinho, sentiu o baque da transição. Campeão mundial em 2015 e um dos pilares da chamada Brazilian Storm, ele se aposentou em 2021, depois de lutar com as lesões e ser diagnosticado com burnout. Passou a atuar em diferentes frentes para manter a estabilidade financeira: primeiro, tornou-se mentor de Leonardo Fioravanti na preparação do italiano para os Jogos de Paris-2024; hoje, treina Alejo Muniz e Miguel Pupo, ambos na elite, e é empresário do ramo de restaurantes.

— A gente sobrevive da imagem e da credibilidade que construiu ao longo do tempo. Existem saídas, como treinador ou no freesurf — diz Mineirinho, citando os atletas que vivem da criação de conteúdo e de contratos publicitários, principalmente nas redes sociais. — Também contei com a ajuda da Redoma Capital, empresa que gerencia atletas do auge à aposentadoria.

TRANSFORMAÇÕES COM O TEMPO
Antes de Mineirinho, outros brasileiros lidaram com esse desafio. Leandro Dora, atletas nas décadas de 1990 e 2000 e hoje mentor de Luana Silva, conta que, na sua época, era difícil se sustentar apenas com as competições e que, aos 25 anos, ele largou os torneios para se dedicar apenas à marca de roupas que havia criado.



FOTOS DE ARQUIVO PESSOAL



Lenda do surfe.
Fábio Gouveia com a esposa, Elka, em passeio

Fábio Gouveia, que encerrou a carreira em 2009 após muitas lesões, experimentou uma transição mais orgânica. Com dois anos de antecedência, começou a planejar a aposentadoria: passou a conciliar as viagens com as gravações de um programa de surfe no canal por assinatura Woohoo; voltou a fazer pranchas, uma habilidade adquirida nos anos 1990; e iniciou uma rotina de experiências compartilhadas, de clínicas para atle-

tas mais jovens a projetos de turismo ligados ao surfe. — Não foi planejado milimetricamente. Mas fui deixando a competição e criando outras formas de continuar ativo no surfe. Consegui ter segurança com meus investimentos, mas muita gente ficou na roubada — conta Fábio, que já observa uma evolução. — Hoje, os atletas têm mais oportunidades e estrutura. Possuem CNPJ, emitem nota, criam empresa... Mas tudo ainda depende de cada um.

Filho de Fábio, Ian Gouveia é produto desse cenário mais estruturado, o que não apaga por completo as dúvidas. Ainda com “muita gasolina para queimar”, o surfista — que esteve na elite mundial neste ano, mas não passou no corte e agora disputa o Challenger Series — já pensa no futuro. Ele tem 31 anos e avalia opções: seguir como freesurfer, treinar atletas jovens ou lançar algum projeto pessoal.

— Estou mais próximo do fim que do início da carreira. Não vejo as pessoas falando sobre (a aposentadoria). Cada um constrói seu próprio caminho. Seria importante as entidades do surfe tratarem isso como uma prioridade — alertou.

PRÓXIMOS PASSOS
À frente da World Professional Surfers (WPS), entidade que representa os atletas do CT em negociações com a WSL, Christian Beserra acompanha de perto os desafios do pós-carreira. Segundo ele, poucos atletas conseguem sair do circuito com estabilidade garantida: — Alguns foram bem ori-

entados e fizeram um bom pé de meia. Mas a maioria ainda precisa trabalhar duro para se sustentar, muitas vezes sem formação acadêmica ou preparo técnico fora do mar. Acabam indo para caminhos naturais: escolinhas, prancharias, marcas próprias, eventos, técnico...

Beserra explica que a WPS atua junto à WSL para garantir direitos trabalhistas aos atletas, como participação nos lucros, pensão e direito de imagem. Mas reconhece que, quando o assunto é o futuro, o buraco é mais embaixo. Entre as iniciativas recentes, a WPS criou um fundo de bem-estar, financiou cursos de formação e chegou a firmar convênios com instituições acadêmicas para oferecer capacitações a distância. A adesão, no entanto, foi baixa. Para ele, a aposentadoria deveria ser encarada por todos como uma nova atuação profissional baseada no que foi aprendido na estrada:

— O tour deve ser encarado como trampolim. Cada atleta precisa entender sua marca pessoal, construir pontes e se reinventar.

Lazer.
Campeão em 2015, Adriano de Souza curte jogo da NBA com a noiva Giovanna e o filho Romeo

‘SURFO POR MIM E POR TODAS QUE ACREDITAM’

Luana Silva é a representante do Brasil no circuito mundial em 2025

Aos 20 anos, Luana Silva entra na água com uma bandeira invisível às costas: ser o nome do Brasil na elite do surfe mundial em 2025. Nascida no Havá e filha de mãe brasileira, ela cresceu entre os dois oceanos que hoje carrega no estilo e no discurso. Desde que o corte do meio da temporada reduziu o número de atletas na disputa, Luana passou a ser a única representante do país no feminino (Tati Weston-Webb deixou a disputa para cuidar da saúde mental e participará como convidada da etapa de Saquarema). Uma condição que, segundo ela, é uma enorme responsabilidade, mas também um privilégio.

— Representar o Brasil no Tour me dá ainda mais motivação para dar o meu melhor a cada etapa. Sei que carrego o sonho de muitas meninas

que amam o surfe, e isso me impulsiona. Tento transformar essa pressão em força e foco — afirma a atleta em entrevista exclusiva durante os preparativos para a etapa de Saquarema.

Campeã mundial júnior em janeiro, Luana chega ao Brasil embalada por um ano de altos e baixos. Na elite, foi vice-campeã da etapa de Bells Beach, na Austrália, mas parou nas oitavas em Trestles, na Califórnia, ao ser superada pela americana Caroline Marks. Ainda assim, se mantém competitiva no ranking — está em 10º — e com moral elevado. Ela conta que o processo de lidar com o corte no meio da temporada (apenas as 12 primeiras continuam na disputa) foi desafiador, mas transformador.

— O maior aprendizado foi sobre resiliência. O corte

mexe com o emocional, mas me ensinou a confiar no meu trabalho, a ser paciente e a não me abalar com os altos e baixos. Já pensei se tudo isso estava valendo a pena, mas nesses momentos me reconecto com o porquê de estar aqui. Lembro-me da menina que sonhava viver do surfe e do quanto eu amo o que faço.

A rotina da elite é intensa: viagens constantes, mudança de fuso, mar e cultura a cada mês. Apesar de colecionar passagens por destinos paradisíacos, Luana revela que o mais difícil é lidar com a distância de quem ama:

— Faço chamadas de vídeo quase todos os dias com meus pais. Tento manter algumas rotinas mesmo longe. É puxado, mas é o que escolhi para a minha vida.

Ela crê que essa convivência com o mundo, ainda que



WSL/DIVULGAÇÃO/25-7-2024

Promessa. Luana Silva foi campeã mundial júnior em San Juan, Filipinas

fragmentada, deixa marcas: — Procuro respeitar os costumes locais, conversar com as pessoas do lugar, aprender algumas palavras do idioma, comer a comida local... Quando você se aproxima com respeito, o retorno é sempre positivo.

No Tour, ela não surfa apenas com talento. É com rotina, disciplina e preparo que busca fazer frente às melhores do mundo:

— Hoje o nível está altíssimo. Não dá para competir só com talento. Treino diariamente, fisicamente e mentalmente. Tenho uma rotina de meditação, visualização e acompanhamento psicológico. Isso faz muita diferença nas baterias mais apertadas ou quando as condições do mar estão difíceis.

De volta ao Brasil, a etapa de Saquarema é especial. É

onde reencontra a língua, a família e o grito da torcida:

— Surfar no Brasil, com a galera gritando seu nome na areia, com a família pertinho, não tem preço. É o momento de lembrar por que tudo isso vale a pena.

RESPONSABILIDADE

Ciente do lugar que ocupa no circuito e do simbolismo de sua presença, ela fala com naturalidade sobre ser uma inspiração para meninas que sonham com o mar como profissão:

— Recebo esse papel com muito respeito. Quando uma menina me diz que quer ser como eu, isso me toca profundamente. Tento mostrar que o caminho não é fácil, mas é possível.

Ao olhar para o futuro, ela vê um cenário promissor, mas que ainda precisa de mais apoio e visibilidade:

— Tem muita menina talentosa vindo aí. Se eu puder abrir caminhos, inspirar e ajudar outras a chegar lá, já vai ter valido a pena. Quero ser lembrada não só pelas vitórias, mas pelo exemplo de persistência, paixão e amor pelo que faço.

PREPARAÇÃO SE TORNA ESSENCIAL NA ELITE

Surfistas investem em trabalho físico, nutricional e psicológico para encarar temporada e turbinar performance

LUCAS GUIMARÃES
lucas.santos@oglobo.com.br

Treino, alimentação regrada, fisioterapia, recuperação... Termos que até pouco tempo atrás soavam distantes do mundo do surfe agora fazem parte da rotina de quem quer se manter no topo. O esporte sofreu uma transformação significativa, e a mudança de mentalidade, impulsionada pela entrada no programa olímpico, em Tóquio-2020, redesenhou o perfil do competidor: o “cara da praia” deu lugar ao atleta completo.

O crescimento do nível de disputa na elite do esporte apenas reforçou a necessidade de se investir na preparação física e nos acompanhamentos nutricionais e psicológicos, além de ferramentas de tecnologia.

—No nível em que a gente está, não dá para deixar muita brecha para o adversário. A máquina tem de estar redonda — diz Miguel Pupo.

O trabalho começa bem antes do início do Championship Tour. Com um ano inteiro de competições no horizonte, Pupo conta que programa uma pré-temporada de 12 a 16 semanas. Seu foco nesse período é acumular massa muscular, já que ela costuma se perder com o desenrolar dos eventos. Estar “forte” também o ajuda a prevenir lesões e a controlar o desgaste que castigava silenciosamente, como a fadiga da escápula e do quadril.

Após uma boa base de treinos e estudos, chega o momento de aquecer os motores antes de cair na água para competir. Cada surfista

tem sua rotina de preparo ao chegar a um novo país.

— Tento conhecer bem a onda, surfar em diferentes marés e condições, e ajustar o equipamento. Também dou atenção total ao descanso, porque o corpo precisa estar zerado para render no momento certo — conta o bicampeão Filipe Toledo.

A reabilitação envolve, é claro, manter o sono regulado, mas não sem antes encarar a banheira de gelo, que acelera a recuperação muscular e reduz a inflamação.

TRABALHO EM EQUIPE

Em meio à nova realidade, os atletas que dispõem de recursos estruturam um time para acompanhá-lo ao longo do ano. É o caso de Italo Ferreira, primeiro campeão olímpico do surfe, em Tóquio. Ao lado dele, estão o fisiculturista Marcelo Cruz e o coach Rainer Hayes. A dupla é responsável por definir o que será feito a cada etapa e como será a abordagem para cada onda.

— Você precisa proteger os tornozelos, os joelhos e a coluna. E a melhor forma de fazer isso é através do treinamento de força. Além disso, é importante ter um alto nível de cardio para a apneia — orienta Hayes.

— A gente trabalha o treino de resistência para melhorar a capacidade de realizar atividades por um período prolongado, usando cargas, borrachas e até o próprio peso do corpo. Já no treinamento de força, a gente busca a capacidade de gerar força contra resistência usando o maquinário — detalha Cruz, responsável pela parte muscular de Italo, que montou uma aca-



BUXEXA/IF15/DIVULGAÇÃO



ACERVO PESSOAL

Força. Italo Ferreira em sessão com o treinador Marcelo Cruz

Cuidado. João Chianca faz trabalho de fortalecimento muscular

demia especializada em sua casa em Baía Formosa (RN).

João Chianca é outro que mostra gana nos treinamentos. Ele trabalha há 15 anos com Gabriel Ferrão e, quando está no Rio, recebe orientações de uma série de profissionais. Durante as viagens para as etapas, o acompanhamento vira on-line.

— A vontade de se preparar é o grande diferencial dele. De uns anos para cá, ele virou uma máquina, deixou de ser somente jovem, ganhou peso e massa muscular — elogia Ferrão.

Há outros tipos de cuidado no planejamento dos surfistas. Alguns deles viajam como uma espécie de coach ou mentor para ajudar na tomada de decisões. Esse é o papel de Leandro Dora, treinador especialista em performance com a prancha, que viaja junto de Luana Silva, única brasileira no tour. O trabalho não é isolado.

— Ela tem o amparo da Confederação Brasileira de Surf (CBFSurf) e do Comitê Olímpico do Brasil (COB). Eles auxiliam tanto na parte física como na psicológica — explica Leandro. — A maioria dos surfistas vêm daquela vida de pegar onda e fazer um exercício complementar e agora passa por uma preparação mais forte.

CONDIÇÕES ESPECIAIS

Com uma variedade de destinos explorados ao longo do ano, os competidores precisam se moldar a cada mar. A etapa de Saquarema, caracterizada por ondas rápidas, de 5 a 10 segundos, são “desenhadas” para manobras e aéreos.

— É uma onda forte, poderosa. Eu e minha equipe ajustamos alguns treinos para esse tipo de condição. Trabalhamos força, explosão e leitura de onda. Já conheço bem, mas cada ano tem suas surpresas — conta Toledo, dono de quatro títulos em Saquarema.

Ferrão, por sua vez, destaca que a água gelada e a correnteza forte direcionam o trabalho com Chianca para a busca pelo melhor condicionamento, “especialmente em resistência cardiorrespiratória, força e resistência de remada e estabilidade de core”.

— É um trabalho mental, de lidar com a pressão de estar surfando em casa, em frente à torcida. Transformar a pressão em algo bom.

Vida nômade deixa surfistas entre liberdade e solidão

Brasileiros sofrem com impactos da distância da família durante CT e têm Saquarema como ‘respiro’ antes da reta final

Na fase decisiva do circuito mundial, os surfistas da elite vivem não apenas a pressão por resultados, mas também a expectativa de reencontros. Depois de meses de vida nômade, explorando o mundo em busca das melhores ondas, está quase na hora de voltar para casa e rever a família.

E, apesar de ainda faltarem quatro etapas, incluindo as Finais, os brasileiros enxergam Saquarema como uma forma de matar a saudade dos mais chegados antes do sprint final no CT. O evento é um respiro, detalha Filipe Toledo:

— Competir no Brasil é sempre emocionante. A energia da torcida, os gritos na areia, as bandeiras... É diferente de tudo. Sinto uma força extra aqui. Surfar com o coração cheio faz toda a diferença.

A maioria dos atletas passa o ano em aeroportos, hotéis e casas alugadas. Cada parada envolve lidar, em um curto espaço de tempo, com variações climáticas, fusos horários e particularidades culturais. Embora o estilo de vida do surfista seja vendido como um sonho, a rotina fora das competições e longe do mar é marcada pela solidão.

João Chianca, o mais jovem representante brasileiro no tour após o corte, com 24 anos, diz que ficar longe dos pais, do irmão e dos sobrinhos torna a experiência mais desafiadora:

— Família sempre longe é difícil. O que mais me motiva é que amo o que faço e me sinto completamente confortável com tudo que as competições me trazem.

Ser atleta do Championship Tour é viver de oito a



ARQUIVO PESSOAL

Carinho. Miguel Pupo com esposa e duas das quatro filhas em momento livre

dez meses fora de casa. Além de se preocupar com o desempenho, os surfistas que não possuem uma equipe estruturada têm de lidar de forma independente com passagens aéreas, controle de gastos, gravações, preparo físico e eventos.

Quando a saudade aperta, as chamadas de vídeo se tornam a principal aliada, permitindo que os atletas “reencontrem” rostos queridos mesmo a milhares de quilômetros de distância. Já os aplicativos de mensagens ajudam a manter con-

versas rápidas, enquanto redes sociais funcionam como uma forma de diário. Alguns competidores apostam em pequenos rituais — como ligações fixas antes das baterias, mensagens de “boa sorte” enviadas por filhos ou até gravações de vídeos motivacionais.

— Quando viajo, conversamos uma vez por dia, no máximo duas, até porque, psicologicamente, não quero estar num lugar vivendo outro — explica Miguel Pupo. — Na época do meu pai (Wagner), ele mandava carta para a minha mãe e, às vezes, retornava antes mesmo de a carta chegar, o que era engraçado.

Pupo, de 32 anos, é pai de quatro meninas. Com as viagens, teve que acompanhar o parto de uma delas por chamada de vídeo. Hoje, administra a saudade.

— Elas me pedem para ficar ou fazem brincadeiras, querem entrar na mala, tentam pular dentro da capa da prancha — conta.

CONEXÃO E REFÚGIO

Apesar de todos os desafios, os surfistas ainda valorizam a liberdade de viver do que amam, de conhecer novas culturas e de buscar uma conexão com cada local.

— Sou bem curioso e gosto de entender as pessoas, os costumes, a culinária... Tento aprender algumas palavras do idioma e troco ideia com os locais sempre que posso — diz Filipinho.

A vida atípica também gera um sentimento de irmandade entre os brasileiros, que estreitam os laços ao longo da temporada. O vínculo traz leveza para a disputa e serve como refúgio, destaca Pupo:

— Os meus amigos são o pessoal do tour. Muitos de nós já viajamos e competimos juntos há muitos anos. A gente passa muito mais tempo junto com eles do que com a própria família.